



Sociedade das Ciências Antigas

A VIA SACRA



A Via Sacra é uma prática de piedade cuja tradição remonta aos séculos XII e XIII, época em que se realizavam as Cruzadas e peregrinações à Terra Santa. Para divulgar a devoção à Paixão de Cristo, os peregrinos reproduziam o caminho da cruz, erguendo “estações” alusivas aos acontecimentos da Paixão.

Quem mais propagou a Via Sacra foi São Leonardo, de Porto Maurício (1676-1751). Percorrer o caminho da Via Sacra é um dos melhores meios para se meditar sobre a paixão de Jesus. Eis, pois, as estações da Via Sacra e os respectivos textos bíblicos que podem auxiliar na sua reflexão:

- 1ª Estação: Jesus é condenado à morte (Jo 19, 12-16)
- 2ª Estação: Jesus recebe a cruz (Jo 19, 16-17)
- 3ª Estação: Jesus cai pela primeira vez (Is 50, 5-7)
- 4ª Estação: Jesus encontra sua mãe (Lc 11, 34-35)
- 5ª Estação: Jesus é ajudado por Cirineu (Lc 23, 26)
- 6ª Estação: Verônica enxuga o rosto de Jesus (Is 53,3)
- 7ª Estação: Jesus cai pela segunda vez (Is 53, 4-5)
- 8ª Estação: Jesus encontra as santas mulheres (Lc 23, 27-28)
- 9ª Estação: Jesus cai pela terceira vez (Is 53, 8-9)
- 10ª Estação: Jesus é despojado de suas vestes (Mc 15, 24)
- 11ª Estação: Jesus é pregado na cruz (Lc 23, 33-34)
- 12ª Estação: Jesus morre na cruz (Jo 19,28)
- 13ª Estação: Jesus é descido da cruz (Jo 19, 38)
- 14ª Estação: Jesus é sepultado (Jo 19, 40-42)
- 15ª Estação: A ressurreição de Jesus (Mt 28, 1-6)

PRIMEIRA ESTAÇÃO

JESUS É CONDENADO À MORTE



Eles gritaram ainda mais: "Crucifica-O!".
 Pilatos, desejoso de agradar à multidão,
 soltou-lhes Barrabás
 e, depois de mandar açoitar Jesus,
 entregou-O para ser crucificado.
 (Mc 15, 14-15)

A sentença de Pilatos foi proferida sob pressão dos sacerdotes e da multidão. A condenação à morte por crucifixão serviria para satisfazer às suas paixões dando resposta ao grito: "Crucifica-O! Crucifica-O!" (Mc 15, 13-14; etc.). O pretor romano pensou que podia subtrair-se à sentença lavando-se as mãos, como antes se desinteressara das palavras de Cristo, que tinha identificado o seu reino com a verdade, com o testemunho da verdade (Jo 18, 38).

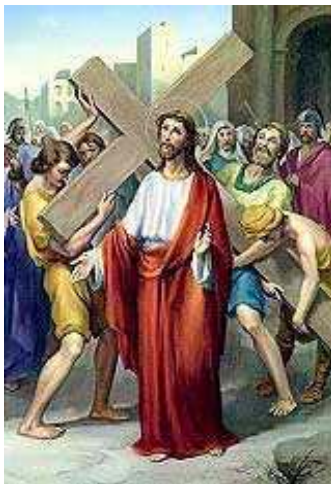
Num caso e noutra, Pilatos procurava conservar a sua independência, ficar de qualquer modo "de fora". Mas, só na aparência. A Cruz, à qual foi condenado Jesus de Nazaré (Jo 19, 16), tal como a sua verdade do reino (Jo 18, 36-37) deviam tocar no mais fundo da alma do pretor romano. Tratou-se e trata-se duma realidade, diante da qual é impossível ficar de fora ou à margem. O fato de Jesus, o Filho de Deus, ter sido interrogado sobre o seu reino e por isso ter sido julgado pelo homem e condenado à morte, constitui o princípio daquele testemunho final de Deus que tanto amou o mundo (cf. Jo 3, 16). Nós encontramos-nos perante este testemunho e sabemos que não nos é lícito lavar as mãos.

O evangelista São Mateus diz: "Jesus foi conduzido à presença do governador, que lhe perguntou: "És tu o Rei dos Judeus?" Jesus respondeu: "Tu o dizes". Mas, ao ser acusado pelos príncipes dos sacerdotes e anciãos, nada respondeu. Disse-lhe então Pilatos: "Não ouves tudo o que dizem contra ti?" Mas ele não respondeu coisa alguma, de modo que o governador estava muito admirado. Ora por ocasião da festa, costumava o governador conceder liberdade a um prisioneiro à escolha do povo. Nessa altura, havia um prisioneiro afamado, chamado Barrabás. Pilatos disse ao povo que se encontrava reunido: "Qual quereis que vos solte, Barrabás ou Jesus, chamado Cristo?" (...) "Eles responderam: "Barrabás!". Pilatos disse-lhes: "Que hei de fazer então de Jesus, chamado Cristo?". Responderam todos: "Seja crucificado!". Pilatos (...) mandou vir água e lavou as mãos em presença da multidão, dizendo: "Estou inocente do sangue deste justo. Isso é convosco". (...) Soltou-lhes então Barrabás; quanto a Jesus, depois de o mandar açoitar, entregou-o para ser crucificado".
 (Mateus 27, 11-26)

Pilatos perguntou: Que fizeste? Jesus respondeu: "Para isto nasci e para isto vim ao mundo: para dar testemunho da verdade". (cf. Jo 18,35-37) Pilatos procurava libertá-lo. Mas os judeus vociferavam: "Se o soltas, não és amigo do César!" Ouvindo tais palavras, Pilatos o entregou para ser crucificado. (Jo 19,12-16)

II ESTAÇÃO

JESUS RECEBE A CRUZ



Depois de O terem escarnecido,
tiraram-Lhe o manto de púrpura
e vestiram-Lhe as suas roupas.

Levaram-No, então,
para O crucificarem.

(Mc 15, 20)

Começa a execução, ou seja, a atuação da sentença. Condenado à morte, Cristo tem de carregar a cruz, como os outros dois condenados que devem sofrer a mesma pena: "Foi contado entre os malfeitores" (Is 53, 12). Cristo aproxima-Se da Cruz, tendo todo o corpo terrivelmente dilacerado e pisado, e com o sangue que da cabeça coroada de espinhos Lhe escorre pelo rosto. Ecce Homo! (Jo 19, 5). Em Ele está toda a verdade do Filho do Homem que os profetas predisseram, a verdade sobre o Servo de Javé anunciada por Isaías: "Foi esmagado pelas nossas iniquidades; (...) fomos curados nas suas chagas" (Is 53, 5).

Em Ele está presente também uma certa consequência, que nos deixa estupefatos, daquilo que o homem fez ao seu Deus. Pilatos diz: "Ecce Homo" (Jo 19, 5); "vede o que fizestes deste homem!" Nesta afirmação, parece falar outra voz, como se dissesse: "Vede o que fizestes, neste homem, ao vosso Deus!" É impressionante a sobreposição, a inter-relação desta voz que ouvimos através da história com aquilo que nos chega através da certeza da fé. Ecce Homo! Jesus, "chamado Cristo" (Mt 27, 17), toma a Cruz sobre os seus ombros (Jo 19, 17). Começou a execução.

Acompanhemos o relato de São Marcos: "Os soldados levaram-no para dentro do átrio, isto é, para o pretório, e convocaram toda a corte. Revestiram-no de um manto de púrpura, e cingiram-lhe uma coroa de espinhos, que haviam tecido. Depois começaram a saudá-lo: "Salve, ó Rei dos Judeus!" Batiam-lhe na cabeça com uma cana, cuspiam-lhe e, dobrando os joelhos, prostravam-se diante dele. Em seguida, depois de o terem escarnecido, tiraram-lhe o manto de púrpura e vestiram-lhe as suas roupas." (Mc 15, 16-20). Este relato do escarnecimento de Jesus está presente nos quatro evangelhos. Em seguida, Jesus toma a cruz: "Levaram, pois, consigo Jesus. E, carregando às costas a cruz, saiu para o lugar chamado Crânio, que em hebraico se diz "Gólgota" (...)" (Jo 19, 16-17).

ESTAÇÃO III

JESUS CAI SOB O PESO DA SUA CRUZ

Na verdade, ele tomou sobre si as nossas doenças,
carregou as nossas dores;
nós o reputávamos como um leproso,
ferido por Deus e humilhado.
Mas foi castigado pelos nossos crimes,
esmagado pelas nossas iniquidades;
o castigo que nos salva pesou sobre ele,
fomos curados nas suas chagas.
Todos nós andávamos desgarrados como ovelhas,
cada um seguia o seu caminho;
o Senhor carregou sobre ele
a iniquidade de todos nós.
(Is 53, 4-6)

Jesus cai sob a Cruz. Cai por terra. Não recorre às suas forças sobre-humanas, não recorre à força dos anjos. "Julgas que não posso rogar a meu Pai, que imediatamente Me enviaria mais de doze legiões de anjos?" (Mt 26, 53). Mas não o pede. Tendo aceitado o cálice das mãos do Pai (Mc 14, 36), quer bebê-lo até o fim. É isto mesmo o que quer. E por isso não pensa em quaisquer forças sobre-humanas, embora estejam ao seu dispor. Poderão estranhar aqueles que O tinham visto quando comandava às enfermidades humanas, às mutilações, às doenças, à própria morte. E agora? Nega Ele tudo isto? E todavia "nós esperávamos...", dirão alguns dias depois os discípulos de Emaús (cf. Lc 24, 21). "Se és Filho de Deus..." (Mt 27, 40), hão de provocá-Lo os membros do Sinédrio. "Salvou os outros, e não pode salvar-Se a Si mesmo" (Mc 15, 31; Mt 27, 42) gritará a multidão.

E Ele aceita estas provocações, que parecem anular todo o sentido da sua missão, dos discursos pronunciados, dos milagres realizados. Aceita todas aquelas palavras; decidiu não opor-Se. Quer ser ultrajado, quer vacilar, quer cair sob a Cruz. É fiel até ao fim, mesmo nos mínimos detalhes, a esta afirmação: "Não se faça o que Eu quero, mas o que Tu queres" (Mc 14, 36; etc.). Deus extrairá a salvação da humanidade das quedas de Cristo sob a Cruz.

ESTAÇÃO IV**JESUS ENCONTRA SUA MÃE**



Simeão abençoou-os e disse a Maria, sua mãe:
"Este Menino está aqui para queda
e ressurgimento de muitos em Israel
e para ser sinal de contradição;
uma espada trespassará a tua alma,
a fim de se revelarem os pensamentos de muitos corações" ...
Sua mãe guardava todas estas coisas no seu coração.
(Lc 2, 34-35.51)

Maria encontra o Filho a caminho da Cruz. A sua cruz torna-se a cruz de Ela; a humilhação de Ele é a sua, o opróbrio público torna-se o de Ela. É a ordem humana das coisas. Assim o devem sentir aqueles que A rodeiam, e assim o entende o coração de Ela: "Uma espada trespassará a tua alma" (Lc 2, 35). As palavras pronunciadas quando Jesus tinha quarenta dias, cumpriam-se neste momento. Atingem agora toda a sua plenitude. E Maria, trespassada por esta espada invisível, encaminha-se para o Calvário do seu Filho, para o seu próprio Calvário. A devoção cristã A vê com esta espada no coração, e assim A representa e modela. Mãe das Dores!

"Ó Vós que sofrestes com Ele!" - repetem os fiéis, sentindo no seu íntimo que é assim mesmo que se deve exprimir o mistério deste sofrimento. Embora esta dor Lhe pertença e A toque mesmo no fundo da sua maternidade, todavia a verdade plena deste sofrimento é expressa pelo termo compaixão. Faz parte do próprio mistério: exprime de certo modo a unidade com o sofrimento do Filho.

ESTAÇÃO V

SIMÃO DE CIRENE AJUDA JESUS A TRANSPORTAR A CRUZ



Requisitaram, para Lhe levar a cruz,
um homem que passava, vindo do campo,
Simão de Cirene, pai de Alexandre e de Rufo.
Conduziram Jesus ao lugar do Gólgota,
que quer dizer "Lugar do Crânio".
(Mc 15, 21-22)

Simão de Cirene, designado para levar a Cruz (cf. Mc 15, 21; Lc 23, 26), certamente não queria levá-la. Por isso teve de ser obrigado. Caminhava ao lado de Cristo sob o mesmo peso. Emprestava-Lhe os seus ombros, sempre que os ombros do condenado pareciam vacilar. Estava perto de Ele: mais perto do que Maria, mais perto que João, o qual, embora sendo homem, não foi chamado para ajudá-Lo. Chamaram-no a ele, Simão de Cirene, pai de Alexandre e de Rufo, como refere o Evangelho de São Marcos. Chamaram-no, forçaram-no.

Quanto durou este constrangimento? Quanto tempo terá caminhado ao lado de Jesus, fazendo sentir que nada tinha a ver com o condenado, com a sua culpa, com a sua pena? Quanto tempo terá passado assim, interiormente dividido, atrás duma barreira de indiferença para com o Homem que sofria? "Estava nu, tive sede, estive na prisão" (cf. Mt 25, 35.36), levei a Cruz... e tu levaste-a Comigo? Levaste-a Comigo verdadeiramente até ao fim? Não se sabe. São Marcos refere apenas o nome dos filhos de Cireneu e a tradição afirma que pertenciam à comunidade dos cristãos ligada a São Pedro (cf. Rm 16, 13).

ESTAÇÃO VI

UMA MULHER PIEDOSA ENXUGA O ROSTO DE JESUS



Cresceu (...) sem figura nem beleza.
Vimo-lo sem aspecto atraente,
desprezado e evitado pelos homens,
homem das dores, experimentado nos sofrimentos:
diante do qual se tapa o rosto,
menosprezado e desestimado.
(Is 53, 2-3)

A tradição fala-nos de Verônica. Talvez ela complete a história do Cireneu. Na verdade, embora sendo mulher, não tenha levado fisicamente a Cruz nem a isso tenha sido forçada, o certo é que esta Cruz com Jesus, ela a levou: levou-a como podia, como lhe era possível fazer naquele momento e como lhe ditava o coração, isto é, enxugando o seu Rosto. A explicação deste fato, referido pela

tradição, parece fácil também: no lenço com que ela Lhe enxugou o Rosto, ficaram gravadas as feições de Cristo. Precisamente porque estava todo ensangüentado e suado, podia deixar traços e linhas. Mas, o sentido deste acontecimento pode ser interpretado também de outra maneira, se o analisarmos à luz do discurso escatológico de Cristo. Serão muitos, sem dúvida, aqueles que vão perguntar: "Senhor, quando é que fizemos isto?". E Jesus responderá: "Sempre que fizestes isto a um destes meus irmãos mais pequeninos, a Mim mesmo o fizestes" (cf. Mt 25, 37-40). De fato, o Salvador imprime a sua imagem em cada ato de caridade, como o fez no lenço de Verônica.

ESTAÇÃO VII

JESUS CAI PELA SEGUNDA VEZ



Eu sou o homem que conheceu a aflição,
sob a vara do seu furor.
Conduziu-me e fez-me caminhar
nas trevas e não na claridade. (...)
Fechou-me o caminho com pedras silhares
e subverteu as minhas veredas. (...)
Quebrou-me os dentes com uma pedra
e mergulhou-me na cinza.
(Livro das Lamentações 3, 1-2.9.16)

"Eu sou um verme e não um homem, o opróbrio dos homens e a abjeção da plebe" (Sal 22/21, 7): as palavras do profeta-salmista cumprem-se plenamente nestas vielas estreitas e árduas de Jerusalém, durante as últimas horas que antecedem a Páscoa. Sabe-se que estas horas, antes da festa, são enervantes e que as estradas estão apinhadas. É neste contexto que se cumprem as palavras do salmista, embora ninguém o pense. Certamente não se dão conta disto aqueles que demonstram desprezo à vista deste Jesus de Nazaré que cai pela segunda vez sob a Cruz, tornando-Se para eles objeto de opróbrio.

É Ele que o deseja; quer que se cumpra a profecia. Por isso, cai exausto pelo esforço feito. Cai por vontade do Pai, vontade expressa também nas palavras do Profeta. Cai por sua vontade própria, porque "como se cumpririam então as Escrituras?" (Mt 26, 54). "Eu sou um verme e não um homem" (Sal 22/21, 7), e conseqüentemente nem sequer o "Ecce Homo" (Jo 19, 5), sou menos ainda, ainda pior...

O verme rasteja no meio da terra; ao contrário, o homem, como rei das criaturas, caminha por cima dela. O verme também rói a madeira: como o verme, o remorso do pecado rói a consciência do homem. Remorso pela segunda queda.

ESTAÇÃO VIII**JESUS CONSOLA AS FILHAS DE JERUSALÉM**

Jesus voltou-Se para elas e disse-lhes:
 "Filhas de Jerusalém, não choreis por Mim;
 chorai antes por vós mesmas e pelos vossos filhos,
 pois dias virão em que se dirá:
 "Felizes as estéreis, os ventres que não geraram
 e os peitos que não amamentaram".
 Hão de então dizer aos montes:
 "Caí sobre nós", e às colinas: "Cobri-nos".
 Porque se tratam assim a madeira verde,
 o que acontecerá à seca?"
 (Lc 23, 28-31)

Eis o apelo ao arrependimento, ao verdadeiro arrependimento, à compunção, na verdade do mal cometido. Jesus diz às filhas de Jerusalém que choram, ao vê-Lo passar: "Não choreis por Mim; chorai antes por vós mesmas e pelos vossos filhos" (Lc 23, 28). Não se pode ficar pela superfície do mal; é preciso chegar até ao fundo das suas raízes, das causas, da verdade da consciência.

É isto mesmo que quer dizer Jesus que leva a Cruz, Ele que desde sempre "conhecia o interior de cada homem" (cf. Jo 2, 25) e sempre o conhece. Por isso, Ele deve permanecer sempre como a testemunha mais direta dos nossos atos e dos juízos que fazemos sobre eles na nossa consciência. Talvez nos faça compreender que estes juízos devem ser ponderados, razoáveis, objetivos - diz: "Não choreis" - mas, ao mesmo tempo, conseqüentes com tudo o que esta verdade contém: avisa-nos porque é Ele que leva a Cruz. Peço-Vos, Senhor, que saiba viver e caminhar na verdade!

Em Lucas há um relato deste encontro: "Seguia-o uma grande multidão de povo e de mulheres, que batiam no peito e o lamentavam. Porém Jesus, voltando-se para elas, disse: "Filhas de Jerusalém, não choreis sobre mim, mas chorai sobre vós mesmas e sobre os vossos filhos. Porque eis que virá o tempo em que se dirá: Ditasas as estéreis, os seios que não geraram, e os peitos que não amamentaram. Então começarão os homens a dizer aos montes: Caí sobre nós; e aos outeiros: Cobri-nos. Porque se isto se faz no lenho verde, que se fará no seco?'" (Lucas 23, 27-31)

O simbolismo é muito forte nesta estação. Jesus profetiza, avisando que as gerações futuras é que sofrerão as conseqüências da sua morte. Anuncia que os Homens, reparando na gravidade do ato consumado, irão sentir um imenso remorso. A última frase é terrível, no sentido em que se o Homem destrói o próprio filho de Deus (o "lenho verde"), o que acontecerá ao comum mortal? Há quem veja esta profecia como o prenúncio da catástrofe da revolta judaica em 70 d.C., quando o

exército romano reduz uma das mais violentas revoltas a cinzas, expulsando os Judeus de Jerusalém.

ESTAÇÃO IX

JESUS CAI PELA TERCEIRA VEZ



É bom para o homem carregar o jugo,
desde a sua mocidade.
É bom ele sentar-se solitário e silencioso,
quando o Senhor lho impuser;
pôr a sua boca no pó,
onde talvez encontre esperança;
estender a face a quem o fere,
e suportar as afrontas.
Porque o Senhor não repele para sempre.
Após haver afligido, tem compaixão,
porque é grande a sua misericórdia.
(Livro das Lamentações 3, 27-32)

"Humilhou-Se a Si mesmo, feito obediente até à morte e morte de cruz" (Flp 2, 8). Cada estação deste Caminho é uma pedra miliar desta obediência e deste aniquilamento. A medida deste aniquilamento, vemo-la quando começamos a ouvir as palavras do profeta: "O Senhor carregou sobre Ele a iniquidade de todos nós...Todos nós andávamos desgarrados como ovelhas, cada um seguia o seu caminho; o Senhor carregou sobre Ele a iniquidade de todos nós" (Is 53, 6).

A medida deste aniquilamento, a calculamos quando vemos Jesus cair de novo, pela terceira vez, sob a Cruz. A medimos ao meditarmos quem é Aquele que cai, quem é Aquele que jaz no pó da estrada sob a Cruz, caído aos pés de gente hostil que não Lhe poupa humilhações e ultrajes.

Quem é Aquele que cai? Quem é Jesus Cristo? "Ele que era de condição divina, não reivindicou o direito de ser equiparado a Deus. Mas despojou-Se a Si mesmo tomando a condição de servo, tornando-Se semelhante aos homens. Tido pelo aspecto como homem, humilhou-Se a Si mesmo, feito obediente até à morte e morte de cruz" (Flp 2, 6-8).

Agora, aproxima-se do fim a Via Dolorosa, com a última queda de Jesus, a terceira de três quedas. O uso do número três reforça o simbolismo. Jesus chega ao Calvário: "Conduziram-no ao lugar do Gólgota, que quer dizer "lugar do Crânio". Queriam dar-lhe vinho misturado com mirra, mas ele

não o quis beber." (Mc 15, 22-23). Note-se que a função do vinho com mirra era a de simplesmente diminuir-lhe o sofrimento.

ESTAÇÃO X

JESUS É DESPOJADO DAS SUAS ROUPAS



Os soldados repartiram entre si os seus vestidos,
sorteando-os para verem
o que levava cada um.
(Mc 15, 24)

Quando vemos Jesus sobre o Gólgota, despojado dos seus vestidos (cf. Mc 15, 24; etc), o pensamento volta-se para sua Mãe: volta atrás, à origem deste corpo, que já agora, antes da crucifixão, é todo ele uma chaga viva (cf. Is 52, 14). O mistério da Encarnação: o Filho de Deus toma o seu corpo do seio da Virgem (cf. Mt 1, 23; Lc 1, 26-38). O Filho de Deus fala com o Pai, usando as palavras dum salmo: "Não quiseste sacrificio nem oblação, mas preparaste-Me um corpo" (Sal 40/39, 7; Heb 10, 5). O corpo do homem manifesta a sua alma. O corpo de Cristo exprime amor para com o Pai: "Então Eu disse: Eis que venho (...) para fazer, ó Deus, a tua vontade" (Sal 40/39, 9; Heb 10, 7). "Eu sempre faço o que é do agrado de Ele" (Jo 8, 29). Este corpo despojado cumpre a vontade do Filho e a do Pai em cada chaga, cada guinada de dor, cada músculo dilacerado, cada fio de sangue que corre, o cansaço total dos braços, as pisaduras do pescoço e das costas, uma terrível dor nas têmporas. Este corpo cumpre a vontade do Pai, quando é despojado dos vestidos e tratado como objeto de suplício, quando encerra em si a dor imensa da humanidade profanada. O corpo do homem é profanado de vários modos.

Nesta estação, devemos pensar na Mãe de Cristo, porque, junto do seu coração, nos seus olhos, entre as suas mãos, o corpo do Filho de Deus recebeu plena adoração. Quase todos os evangelistas relatam este episódio, apenas São Lucas o omite. O relato mais pormenorizado é o de São João: "Tendo os soldados crucificado Jesus, tomaram as suas vestes - de que fizeram quatro partes, uma para cada soldado - e também a túnica. A túnica, toda tecida de alto a baixo, não tinha costura. Disseram uns aos outros: "Não a rasguemos, mas lancemos sortes sobre ela, para ver de quem será". Assim se cumpriu a escritura: "Repartiram entre si as minhas vestes e sobre a minha túnica deitaram sortes". Assim fizeram, pois, os soldados." (João 19, 23-24)

Há que mencionar que na Via Sacra, este episódio é representado como sendo anterior à crucificação, mas os três evangelistas que mencionam este episódio (São Mateus, São Marcos e São João) apresentam-no como posterior à subida de Jesus à cruz.

ESTAÇÃO XI

JESUS É PREGADO NA CRUZ

Eram as nove da manhã quando O crucificaram.
Na inscrição que indicava o motivo da sua condenação, lia-se:
"O Rei dos judeus".
Com Ele crucificaram dois salteadores,
um à sua direita e o outro à sua esquerda".
(Mc 15, 25-27)

"Trespasaram as minhas mãos e os meus pés; posso contar todos os meus ossos" (Sal 22/21, 17-18). "Posso contar...": palavras verdadeiramente proféticas! É que este corpo é o preço dum resgate. Um grande resgate é todo este corpo: as mãos, os pés, e cada osso. Todo o Homem sujeito à máxima tensão: esqueleto, músculos, sistema nervoso, cada órgão, cada célula, tudo posto na máxima tensão. "Eu, quando for levantado da terra, atrairei todos a Mim" (Jo 12, 32).

Eis as palavras que exprimem a plena realidade da crucifixão. Desta faz parte também esta tensão terrível que atravessa as mãos, os pés e todos os ossos: terrível tensão do corpo inteiro, que, pregado como um objeto às traves da Cruz, está para chegar ao extremo do aniquilamento nas convulsões da morte. E na realidade da crucifixão entra também todo o mundo que Jesus quer atrair a Si (cf. Jo 12, 32). O mundo fica sujeito à gravitação do corpo, que por inércia tende para baixo. É precisamente nesta gravitação que está a paixão do Crucificado. "Vós sois cá de baixo, Eu sou lá de cima" (Jo 8, 23). Eis as suas palavras da Cruz: "Perdoa-lhes, ó Pai, porque não sabem o que fazem" (Lc 23, 34).

São Lucas continua no vigésimo terceiro capítulo o relato da crucificação: "Quando chegaram ao lugar que se chama Calvário ali o crucificaram a ele e aos ladrões, um à direita e outro à esquerda. Jesus dizia: "Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem". Dividindo os seus vestidos, sortearam-nos." (Lucas 23, 33-34)

A escuridão descrita no Novo Testamento só ocorre quando Jesus já está crucificado. São Mateus é bem claro neste ponto: "Desde a hora sexta, até à hora nona, as trevas envolveram toda a terra (...)" (Mateus 27, 45). Assim, parece claro que segundo São Mateus, as trevas só vieram à hora sexta, ou seja, sensivelmente ao meio-dia (as horas eram contadas a partir do nascer do sol, e a hora prima era aproximadamente às sete da manhã). A esta hora, Jesus já estava crucificado há algum tempo, logo faz pouco sentido que esteja um céu tão escuro no momento em que ele é pregado na cruz, pois as trevas só viriam depois. Pelos relatos dos outros evangelistas como São Marcos (15, 24-36), obtemos a informação de que Jesus foi crucificado perto das nove da manhã ("hora terceira", Marcos 15, 25), que as trevas vieram ao meio-dia e que Jesus morreu perto das três da tarde, como

nos diz São Marcos: "E à hora nona, Jesus exclamou em alta voz: "Eloí, lama sabacthani?" Que quer dizer: meu Deus, meu Deus, porque me abandonaste?" (Mc 15, 34)

ESTAÇÃO XII

JESUS MORRE NA CRUZ



Chegado ao meio-dia,
houve trevas por toda a terra,
até às três da tarde.
Às três horas, Jesus exclamou em alta voz:
"Eloí, Eloí, lema sabactâni?"
que quer dizer:
Meu Deus, meu Deus, porque Me abandonaste? (...)
Soltando um grande brado, Jesus expirou. (...)
Ao vê-Lo expirar daquela maneira,
o centurião, que se encontrava em frente de Ele, exclamou:
"Verdadeiramente este homem era o Filho de Deus".
(Mc 15, 33-34.37.39)

Eis o agir mais alto, mais sublime do Filho em união com o Pai. Sim, em união, na mais profunda união... precisamente quando grita: "Eloí, Eloí, lema sabactâni?", "Meu Deus, meu Deus, porque Me abandonaste?" (Mc 15, 34; Mt 27, 46). Este agir exprime-se na verticalidade do corpo estendido ao longo da trave perpendicular da Cruz com a horizontalidade dos braços estendidos ao longo do madeiro transversal. A pessoa que olha estes braços pode pensar com quanto esforço eles abraçam o homem e o mundo. Abraçam.

Eis o homem. Eis o próprio Deus. "Em Ele (...) vivemos, nos movemos e existimos" (At 17, 28). Em Ele, nestes braços estendidos ao longo da trave horizontal da Cruz. O mistério da Redenção. Jesus, pregado na Cruz, imobilizado nesta terrível posição, invoca o Pai (cf. Mc 15, 34; Mt 27, 46; Lc 23, 46). Todas as suas invocações testemunham que Ele está unido com o Pai. "Eu e o Pai somos um" (Jo 10, 30); "Quem Me vê, vê o Pai" (Jo 14, 9); "Meu Pai trabalha continuamente e Eu também trabalho" (Jo 5, 17).

ESTAÇÃO XIII

JESUS É RETIRADO DA CRUZ E ENTREGUE À SUA MÃE



Ao cair da tarde,
José de Arimatéia, respeitável membro do Conselho,
que também esperava o Reino de Deus, (...)
depois de comprar um lençol,
desceu o corpo de Jesus da cruz e envolveu-o nele.
(Mc 15, 42-43.46)

Ao ver o corpo de Jesus ser tirado da Cruz e colocado nos braços de sua Mãe, diante dos nossos olhos repassa o momento em que Maria recebeu a saudação do anjo Gabriel: "Hás de conceber no teu seio e dar à luz um filho, ao qual porás o nome de Jesus. (..) O Senhor Deus dar-Lhe-á o trono de seu pai David (...) e o seu reinado não terá fim" (Lc 1, 31-33). Maria disse apenas: "Faça-se em mim segundo a tua palavra" (Lc 1, 38), como se desde então tivesse querido exprimir o que está vivendo agora.

No mistério da Redenção, entrelaçam-se a Graça, isto é, o dom do próprio Deus, e "o pagamento" do coração humano. Neste mistério, somos enriquecidos por um Dom do alto (cf. Tg 1, 17) e ao mesmo tempo comprados pelo resgate do Filho de Deus (cf. 1 Cor 6, 20; 7, 23; At 20, 28). E Maria, tendo sido mais do que ninguém enriquecida de dons, paga mais também. Com o coração. A este mistério está unida a promessa maravilhosa formulada por Simeão quando da apresentação de Jesus no templo: "Uma espada trespassará a tua alma, a fim de se revelarem os pensamentos de muitos corações" (Lc 2, 35). Também isto se cumpre. Quantos corações humanos se abrem diante do coração desta Mãe que pagou tanto. E de novo Jesus está todo inteiro nos seus braços, como esteve no presépio de Belém (cf. Lc 2, 16), durante a fuga para o Egito (cf. Mt 2, 14), em Nazaré (cf. Lc 2, 39-40). Senhora da Piedade.

ESTAÇÃO XIV

JESUS É SEPULTADO



José de Arimatéia
envolveu o corpo de Jesus num lençol.
Em seguida, depositou-O num sepulcro cavado na rocha
e rolou uma pedra
contra a porta do sepulcro.
Maria de Magdala
e Maria, mãe de José,
observaram onde O depositaram.
(Mc 15, 46-47)

Desde que o homem, por causa do pecado, foi afastado da árvore da vida (cf. Gn 3, 23-24), a terra tornou-se um cemitério. Há tantos homens como sepulcros. Um grande planeta de túmulos. Nas proximidades do Calvário, havia um túmulo que pertencia a José de Arimatéia (cf. Mt 27, 60). Neste túmulo, com o consentimento de José, colocou-se o corpo de Jesus depois de descido da Cruz (cf. Mc 15, 42-46; etc.). Depositaram-no à pressa, de modo que a cerimônia terminasse antes da festa da Páscoa (cf. Jo 19, 31), que começava ao pôr do sol.

Dentre todos os túmulos espalhados pelos continentes do nosso planeta, há um onde o Filho de Deus, o homem Jesus Cristo, venceu a morte com a morte. "O mors! Ero mors tua!", "Ó morte, Eu serei a tua morte" (1ª antífona das Laudes de Sábado Santo)". A árvore da Vida, da qual o homem foi afastado por causa do pecado, revelou-se novamente aos homens no corpo de Cristo. "Se alguém comer deste pão viverá eternamente; e o pão que Eu hei de dar é a minha carne pela vida do mundo" (Jo 6, 51).

ESTAÇÃO XV

A RESSURREIÇÃO



*"Por que buscar entre os mortos àquele que está entre os vivos?
Não está aqui, ressuscitou."
(Lc 24,5-6).*

"Vos anunciamos a Boa Nova de que a promessa feita aos pais, Deus a cumpriu em nós, os filhos, ao ressuscitar Jesus" (At 13,32-33). A ressurreição de Jesus é a verdade culminante de nossa fé em Cristo, crida e vivida pela primeira comunidade cristã como verdade central, transmitida como fundamental pela Tradição, estabelecida nos documentos do novo Testamento, predicada como parte essencial do Mistério Pascal ao mesmo tempo que a Cruz: Cristo ressuscitou dentre os mortos. Com sua morte venceu a morte. "Aos mortos deu a vida".

O mistério da ressurreição de Cristo é um acontecimento real que teve manifestações historicamente comprovadas como o testifica o Novo Testamento. Já São Paulo, no ano 56, pôde escrever aos Coríntios: "Porque vos transmiti, em primeiro lugar, o que por minha vez recebi: que Cristo morreu por nossos pecados, segundo as Escrituras; que foi sepultado e que ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras; que se apareceu a Cefas e depois aos Doze" (1Cor 15, 3-4). O apóstolo fala aqui da tradição viva da Ressurreição que recebeu depois de sua conversão às portas de Damasco (ver At 9,3-18).

No marco dos acontecimentos da Páscoa, o primeiro elemento que é encontrado é o sepulcro vazio. Não é em si uma prova direta, a ausência do corpo de Cristo no sepulcro poderia ser explicada de outro modo (ver Jo 10,13; Mt 28,11-15). Apesar disso, o sepulcro vazio constituiu para todos um sinal essencial. Seu descobrimento pelos discípulos foi o primeiro passo para o reconhecimento do fato da Ressurreição. No caso, em primeiro lugar, das santas mulheres (ver Lc 24,3.22-23), depois de Pedro (ver Lc 24,12). "O discípulo que Jesus amava" (Jo 20,2) afirma que, ao entrar no sepulcro vazio e ao descobrir "as vendas no chão" (Jo 20,6) "viu e acreditou" (Jo 20,8). Isso supõe que constatou no estado do sepulcro vazio (ver Jo, 20,5-7) que a ausência do corpo de Jesus não poderia ter sido obra humana e que Jesus não teria voltado simplesmente a uma vida terrena como havia sido o caso de Lázaro (ver Jo 11,44).

Maria Madalena e as santas mulheres, que iam embalsamar o corpo de Jesus enterrado às pressas na tarde da Sexta-feira pela chegada do Sábado (ver Jo 19,31.42), foram as primeiras a encontrar o Ressuscitado. Assim as mulheres foram as primeiras mensageiras da Ressurreição de Cristo para os próprios apóstolos (ver Lc 24,9-10). Jesus apareceu em seguida a eles, primeiro a Pedro, depois aos Doze. Pedro, chamado a confirmar na fé seus irmãos, vê portanto o Ressuscitado antes dos demais e sobre seu testemunho se apóia a comunidade quando exclama: "É verdade! O Senhor ressuscitou e apareceu a Simão!" (Lc, 24,34). Tudo o que aconteceu nestas jornadas pascais compromete a cada um dos apóstolos, e a Pedro em particular, na construção da nova era que começou na manhã de Páscoa. Como testemunhas do Ressuscitado, os apóstolos são as pedras de fundação de sua Igreja. A fé da primeira comunidade de fiéis se funda no testemunho de homens concretos, conhecidos dos cristãos e, para a maioria, vivendo entre eles ainda. Estas "testemunhas da Ressurreição de Cristo" (ver At 1,22) são principalmente Pedro e os Doze, mas não somente eles: Paulo fala claramente de mais de quinhentas pessoas às quais Jesus apareceu de uma só vez, além de Santiago e de todos os apóstolos (ver 1Cor 15,4-8).

Diante destes testemunhos é impossível interpretar a Ressurreição de Cristo fora da ordem física, e não reconhecê-lo como um fato histórico. Sabemos pelos fatos que a fé dos discípulos foi submetida à prova radical da paixão e da morte na cruz de seu mestre, anunciada por Ele de antemão (ver Lc 22,31-32). A sacudida provocada pela paixão foi tão grande que, pelo menos alguns deles, não acreditaram em seguida na notícia da ressurreição. Os evangelhos, longe de nos mostrar uma comunidade acometida por uma exaltação mística, nos apresentam os discípulos abatidos e assustados. Por isso não acreditaram nas santas mulheres que voltavam do sepulcro e "suas palavras pareciam desatinos" (Lc 24,11). Quando Jesus se manifesta aos onze na tarde de Páscoa, "jogou-lhes na cara sua incredulidade e sua dureza de cabeça por não ter acreditado nos que o tinham visto ressuscitado" (Mc 16,14).

Tão impossível lhes parece que, até mesmo colocados diante da realidade de Jesus ressuscitado, os discípulos ainda duvidam: crêem ver um espírito. "Não acabam de acreditar por causa da alegria e estavam assustados" (Lc 24,41). Tomé conhecerá a mesma prova da dúvida e, na última aparição na Galiléia referida por Mateus, "alguns entretanto duvidaram" (Mt 28, 17). Por isto a hipótese segundo a qual a ressurreição teria sido um 'produto' da fé (ou da credulidade) dos apóstolos não tem consistência. Pelo contrário, sua fé na Ressurreição nasceu sob a ação da graça divina, da experiência direta da realidade de Jesus ressuscitado.

"Que noite tão ditosa, (canta o "Exultet" de Páscoa), só ela conheceu o momento em que Cristo ressuscitou dentre os mortos!". Com efeito, ninguém foi testemunha ocular do acontecimento da Ressurreição e nenhum evangelista o descreve. Ninguém pode dizer como aconteceu fisicamente. Menos ainda, sua essência mais íntima, a passagem à outra vida, foi perceptível aos sentidos. Acontecimento histórico demonstrável pelo sinal do sepulcro vazio e pela realidade dos encontros dos apóstolos com Cristo ressuscitado, entretanto não por isso a Ressurreição seja alheia ao centro do Mistério da fé naquilo que transcende e sobrepassa à história. Por isso, Cristo ressuscitado não se manifesta ao mundo senão a seus discípulos, "aos que haviam subido com ele da Galiléia à Jerusalém e que agora são suas testemunhas perante o povo" (Hch 13,31).

"Se Cristo não ressuscitou, vã é nossa pregação, vã também vossa fé" (1Cor 15,14). A Ressurreição constitui principalmente a confirmação de tudo o que Cristo fez e ensinou. Todas as verdades, inclusive as mais inacessíveis ao espírito humano, encontram sua justificativa se Cristo, ao ressuscitar, deu a prova definitiva de sua autoridade divina segundo o havia prometido.

A Ressurreição de Cristo é cumprimento das promessas do Antigo Testamento e do próprio Jesus durante sua vida terrena. A expressão "segundo as Escrituras" (ver 1 Cor 15,3-4) indica que a Ressurreição de Cristo cumpriu estas pregações. Há um duplo aspecto no mistério pascal: por sua morte nos liberta do pecado, por sua Ressurreição nos abre o acesso a uma nova vida. Esta é, em primeiro lugar, a justificativa que nos devolve à graça de Deus "afim de que, assim como Cristo ressuscitou dentre os mortos... assim também nós vivamos uma nova vida" (Rm 6,4). Consiste na vitória sobre a morte e o pecado e na nova participação na graça. Realiza a adoção filial porque os homens se convertem em irmãos de Cristo, como Jesus mesmo chama a seus discípulos depois de sua Ressurreição: "Ide, avisai a meus irmãos" (Mt 28,10; Jo 20,17). Irmãos não por natureza, mas por dom da graça, porque esta filiação adotiva confere uma participação real na vida do Filho único, a que revelou plenamente em sua Ressurreição.

Por último, a Ressurreição de Cristo, e o próprio Cristo ressuscitado, é princípio e fonte de nossa ressurreição futura: "Cristo ressuscitou dentre os mortos como primícia dos que dormiram... do mesmo modo que em Adão morrem todos, assim também todos reviverão em Cristo" (1Cor 15, 20-22). Na espera de que isto se realize, Cristo ressuscitado vive no coração de seus fiéis. Nele os cristãos "saboreiam os prodígios do mundo futuro" (Hb 6,5) e sua vida é transportada por Cristo ao seio da vida divina "para que já não vivam para si os que vivem, mas para aquele que morreu e ressuscitou por eles" (2Cor 5,15).

BIBLIOGRAFIA:

- <http://www.chamada.com.br/mensagens/horadagloria.shtml>
- http://www.asj.org.br/boletins_detalhe.asp?cod_boletim=10
- http://www.ocatolico.com.br/recadobreve/jesus_via_sacra.htm
- <http://apostolado.sites.uol.com.br/index40.htm>
- <http://www.brasil.terravista.pt/AreiasBranças/2119/tercomercy.htm>
- http://www.vatican.va/news_services/liturgy/2002/documents/ns_lit_doc_20020329_via-crucis_po.html
- http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/speeches/2003/april/documents/hf_jp-ii_spe_20030418_via-crucis-meditations_po.html
- <http://www.cbpf.br/~mm/foto-imag.html>
- <http://www.acidigital.com/pascoa/catecismo.htm>